

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estados de S. Paulo Class.: BIX-Quarup/Nixtas
Data: 12/09/73 Pg.: 14 674

Kuarup, ritual que a civilização não destruiu

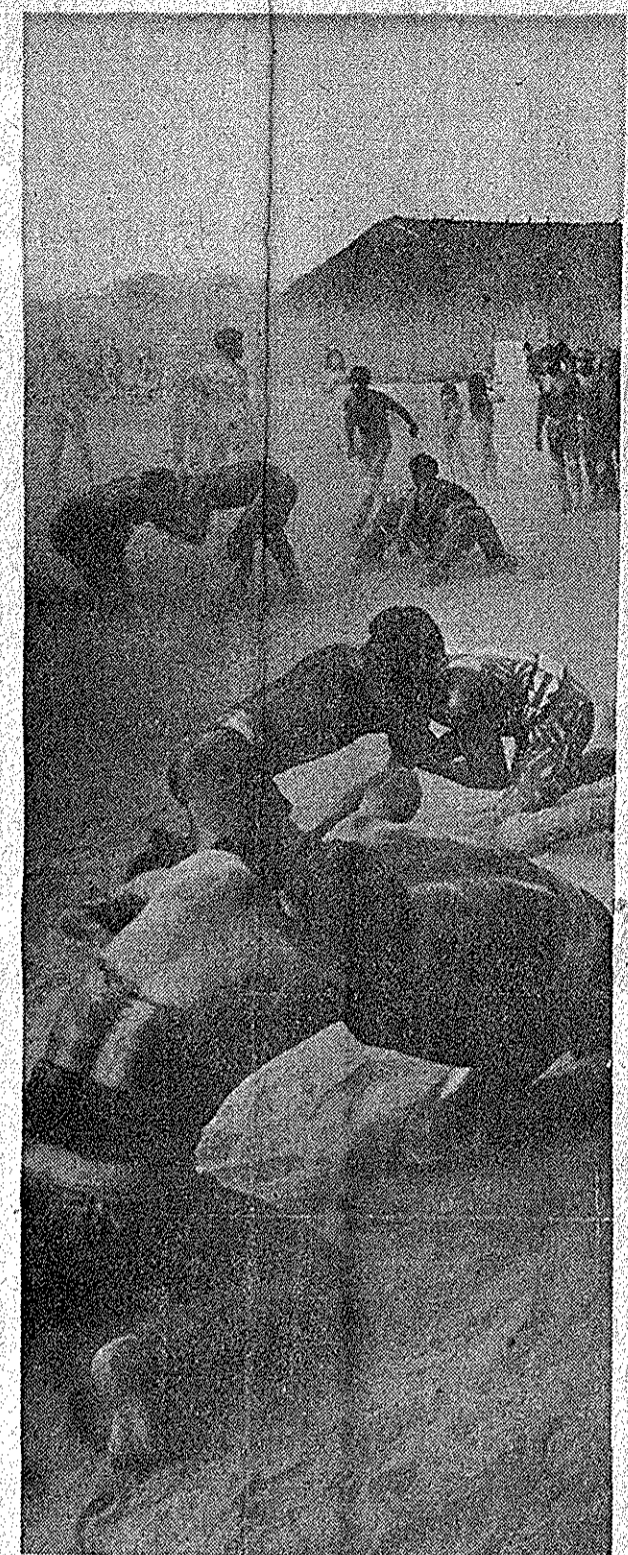
LUIZ SALGADO RIBEIRO
Enviado especial

Preservados da influência cultural dos civilizados, índios do Parque Nacional do Xingu repetem, ainda hoje, rituais primitivos tão autênticos quanto de seus antepassados contemporâneos ou anteriores à chegada de Pedro Álvares Cabral. Jakui, Ja-

vari, Moitará e Kuarup são alguns desses raros rituais que sobreviveram a avassaladora influência cultural-religiosa de conquistadores e missionários que durante séculos destruíram quase toda a autenticidade do índio brasileiro e acabaram por transformar tribos fortes e independentes em frágeis grupos de pa-

rias da sociedade civilizada.

Entre os rituais xinguanos, o mais importante é o Kuarup, uma festa em homenagem aos mortos que revive a lenda da criação. Nas suas pomposas cerimônias está uma síntese das tradições, bravura e nobreza das tribos participantes.



Força e técnica, no maior momento da festa

A pompa e a nobreza em duelo de força e técnica

Acomodados os visitantes, o chefe de cerimônia anuncia o início das lutas. Faz novamente um pequeno discurso meio cantado e depois chama um a um os campeões de sua aldeia. Os lutadores (normalmente cinco ou seis) vão até o centro do pátio e se ajoelham, colocando também as mãos no chão.

O chefe da primeira aldeia visitante repete o mesmo cerimonial, chamando os campeões de seu grupo. Feitas as apresentações, começam as lutas. O huca-huca é uma luta nobre e limpa por excelência. Não se trata de bater no adversário. Ela apenas mede a força e a técnica dos lutadores sem golpes baixos ou violentos. De certa maneira, se parecem com o sumô, dos japoneses. Os fortes lutadores, de músculos lustrados pela tinta de urucum, ficam apoiados sobre as mãos e os joelhos e depois partem para o corpo-a-corpo, procurando segurar a perna do adversário para puxar e desequilibrá-lo. É um duelo de força e de técnica, que deveria terminar com um dos lutadores caído de costas.

Entretanto, em decorrência da própria nobreza dos contendores, a luta quase sempre não chega ao final. Basta que um lutador segure firme a perna do adversário para que ele mesmo dê a luta por terminada, sem aplicar o golpe final. Isso só é feito quando os lutadores têm alguma rixa entre si e, portanto, não deixa de se caracterizar como um gesto de descortesia, bastante censurável quando o vencedor pertence à aldeia promotora da festa. Sempre que isso acontece o pai do vencedor vai se desculpar com o vencido, limpar suas costas e pedir perdão aos visitantes.

Apesar de muito polida, a huca-huca é muito movimentada e empolga as torcidas de cada um dos grupos. Nessa torcida destacam-se principalmente as mães dos lutadores, que vêm até junto deles para in-

centivar ou censurar os filhos fracos. Gritam desesperadamente durante a disputa, que normalmente não passa de um minuto ou um pouco mais.

Após a luta dos campeões, seguem-se os desfilhos entre todos os homens — adultos, adolescentes, e crianças — numa confusão generalizada, que dura mais de uma hora e só é interrompida para o início das lutas com os campeões da tribo seguinte.

NO FIM, AS RECLAMAÇÕES

As lutas vão até mais de meio-dia e os lutadores kamaiurá já estão estafados, porque tiveram de enfrentar todos os campeões das tribos visitantes, isso, depois de uma noite sem dormir.

Mesmo assim, não fizeram feio. Perderam poucas lutas, principalmente as contra o invasivo Arliana, dos Iauapití, um jovem de 22 anos, dono de muita técnica e muitos músculos, que há anos é o maior campeão de todo o Xingu.

Terminadas as lutas são servidas as comidas aos visitantes, enquanto dois tocadores de flautas gigantescas, de cada uma das tribos visitantes, continuam percorrendo as malocas da aldeia, dançando e tocando sem parar, num ritual de amizade que também tem a finalidade de espantar os maus espíritos.

Beem alimentados pelos kamaiurá — como já haviam si-

do mesmo quando estavam acampados nas matas vizinhas à aldeia — os visitantes vão embora, inevitavelmente reclamando contra a hospitalidade da tribo visitada. De barriga cheia, reclamam que perderam as lutas porque estavam mal alimentados. Todos eles sabem que isso não é verdade. Mas as reclamações também fazem parte do ritual.

FIM DE FESTA

Mais de duas horas da tarde, os visitantes foram embora — homens e mulheres — dormem para se recuperar da agitada noite anterior. Os Kuarup permanecem fincados no centro da aldeia deserta. Ainda estão enfeitados, mas já não há ninguém para chorar, rir ou lutar junto deles.

Lá pelas cinco horas, os homens acordam e, sem qualquer cerimônia, despem os toros de madeira que são tombados para que os jovens e as crianças rolem-nos aos empurrões e pontapés até a lagoa próxima à aldeia.

As toras pintadas, que durante dois dias foram o foco da atenção de mais de quinhentos índios, já não representam mais os mortos queridos, incorporados ao Ivat. Os Kuarup não passam de pedaços de pau. Vão rolando e perdendo suas pinturas até caírem na lagoa — dourada pelo sol no poente — onde vão apodrecer. A festa acabou.

Milagre da criação, a origem

Mavutsinim, o primeiro homem, resolveu criar o seu povo a partir de seis casais. Cortou seis toras de madeira escura (homens) e seis toras de madeira clara (mulheres) e fincou-as na praia de Morená, na confluência dos rios que formam o Xingu. Enfeitou as toras com cocares, cintos de algodão e pintou-as com tinta de urucum e genipapo. Nas toras dos homens, desenhou acurris, nas das mulheres, o peixe pintado. Depois, fez uma pequena fogueira ao pé de cada uma para que elas se transformassem em gente.

Cantou durante o resto do dia e parte da noite e as toras não se transformavam em pessoas. De madrugada, começou a chorar por não estar conseguindo o que queria. Quando o sol raiou, as toras foram lentamente se transformando. Vieram primeiro os braços e a cabeça, depois o tronco e as pernas.

Por esse motivo, o ritual se chamou Kuarup, que significa exposto ao sol (esta a raiz das palavras quarar e quardouro, incorporadas ao vocabulário brasileiro).

Mavutsinim cantou e dançou. Nesse momento, para participar da alegria do gênio criador, os peixes saíram dos rios e as onças vieram

das matas para lutar em frente dos Kuarup. Ao participarem do ritual, as onças e os peixes também foram transformados em gente, mas não passaram de índios comuns, pois os nobres foram aqueles nascidos das toras cortadas e enfeitadas por Mavutsinim.

Ressurreição

Tempos depois, Mavutsinim resolveu usar o mesmo ritual para ressuscitar os mortos. Cortou os paus enfeitados e colocou-os no meio da aldeia. Começou o ritual e disse que as toras não poderiam ser vistas por mulheres ou por homens que tivessem mantido relações sexuais na noite anterior. Um apenas estava nesta situação e ficou dentro das casas com as mulheres.

Os toros já se estavam transformando — os braços já estavam crescendo, a cabeça e o tronco estavam formados, uma perna já tinha carne, enquanto a outra continuava pau. Meio gente, meio toras, os Kuarup começaram a se mexer. Os índios gritavam no pátio da aldeia.

Mas, não aguentando a curiosidade, o homem que estava dentro da casa saiu para ver. Instantaneamente, os Kuarup pararam de se mexer e voltaram a ser ape-

nas toras. Mavutsinim ficou bravo e raliou com o mico: — Eu queria fazer os mortos voltarem à vida. Se você, que deitou com sua mulher, não tivesse saído de casa, os Kuarup já teriam voltado gente. Os mortos voltariam a viver toda vez que se fizesse Kuarup. Agora vai ser sempre assim. Os mortos não revirão. O Kuarup vai ser apenas festa.

Festa dos nobres

O Kuarup continuou a ser feito. Mas não para homenagear qualquer morto. Apenas os nobres, parentes do chefe — Morenquat — e portanto descendentes das toras transformadas em gente, é que têm direito ao ritual.

A morte de um índio comum — kamara — descendente das onças e dos peixes, pode ser reverenciada no ritual de homenagem ao nobre, mas nunca poderá ser motivo para um Kuarup. Das lutas de huca-huca, que compõem o ritual partilham apenas os índios sem ilhagem. Os nobres todos enfeitados com colares de conchas, cocares de penas, braçadeiras e cintos apenas assistem ao espetáculo, como fizeram seus ancestrais, que depois de transformados das toras viram as lutas entre os peixes e as onças.

Tuvulê morre, agora há motivo para festa

Falando um português compreensível e usando apenas um cinto de fios de algodão e duas braçadeiras retizadas sobre seus volumosos biceps, o chefe Tacumá — dos kamaiurá — recebeu com muitas gentilezas os vinte e poucos civilizados — entre eles cinco mulheres — que foram à sua aldeia para assistir ao espetáculo. Franqueou sua casa aos visitantes e, como os demais índios e índias também totalmente despidos, não se impressionou nem um pouco com as modernas filmadoras, máquinas fotográficas, flashes e gravadores trazidos pelos brancos. Só tinha olhos para apreciar, com muito orgulho, os preparativos da maior festa de seu povo: o Kuarup.

Há anos os kamaiurá não realizavam uma festa como aquela que estava começando, porque não houve mortos entre os nobres. Em agosto do ano passado, entretanto, veio o motivo para um grande Kuarup. Tuvulê, primo de Tacumá e então chefe da aldeia, morreu de uma varíola estófica aos trinta e poucos anos. Tuvulê era muito querido não só entre os kamaiurá como entre todas as outras tribos do alto-Xingu. Isso já era uma garantia para que a festa tivesse o máximo de esplendor. Os kamaiurá e todas as tribos convidadas se esforçariam ao máximo para fazer uma festa à altura do grande morenquat.

PREPARATIVOS

Enquanto são feitos os convites, na aldeia kamaiurá são intensos os preparativos para a festa. As mulheres preparam os beijos e homens fazem grandes pescarias, pois sabem que terão de alimentar mais de trezentos índios visitantes, homens, mulheres e muitas crianças (esse ano os kamaiurá prepararam mais de quinhentos quilos de peixe).

Apesar do intenso trabalho, os lutadores não se descuidam de seus treinos. Eles terão de enfrentar lutadores de todas as tribos visitantes e não podem fazer feio.

Quando os civilizados foram recebidos por Tacumá, as quatro toras do kuarup (Tuvulê, mais dois índios e uma índia comuns) já estavam cortadas na mata. Tacumá chamou então os civilizados para ver a preparação dos kuarup. Nesse momento, as mulheres (inclusive as civilizadas) foram recolhidas para dentro das casas, pois não podiam ver as cerimônias. As toras foram trazidas até a borda da aldeia, onde diante de dois cantadores — enfeitados de penas, tocando um maracá com a mão direita e empunhando um arco na esquerda — começaram a ser preparadas.

Enquanto os cantores dizem como deve ser feito, outros índios retiram parte da casca dos paus e pintam os símbolos dos homens (sucuri) e da mulher (peixe pintado). O canto triste dos maracá-ép é alternado por gritos uníssomos de todos os homens, como se fosse uma ladainha.

meia hora, pelo resto do dia e pela noite adentro.

As outras tribos, que já estão acampadas nas proximidades da aldeia, aparecem para desfilarem diante dos kuarup, chorando, cantando e empunhando tochas. Enquanto isso, demonstrando muita tranquilidade, os chefes estão sentados junto ao fogo, ao pé das toras, fumando seus longos e fortes charutos de fumo e folhas de erva.

Os homens não dormem nesta noite. Dizem que poderão sonhar com uma perna quebrada e então, fatalmente, quebrarão suas pernas na luta do dia seguinte.

O GRANDE DIA

A festa principal do kuarup vem no dia seguinte. Ao amanhecer ninguém mais chora seus mortos, pois eles já deixaram definitivamente a aldeia e foram incorporados ao Ivat, uma espécie de céu.

É hora de comemorar a libertação do morto das coisas terrenas. Ele nunca mais será chorado nem lembrado. Está completamente feliz em seu novo mundo. Seu povo explode em alegria, e as outras tribos vêm participar dessa felicidade.

O ritual de entrada das tribos visitantes supera em pompa e nobreza a grande maioria dos cerimoniais civilizados. Tacumá, o chefe da aldeia — todo paramentado com plumas coloridas, colar de conchas, cintos de algodão colorido, corpo pintado de urucum e genipapo —, está sentado junto aos kuarup. O chefe da cerimônia (kuarupalát), também todo enfeitado, anuncia uma por uma a chegada dos visitantes. Faz um pequeno discurso, meio cantado em sua língua incompreensível, e depois vai até a borda da aldeia, toma a mão do chefe visitante (que geralmente está junto de seu provável sucessor) e o traz até o lugar reservado para a tribo visitante no pátio da aldeia.

As tribos visitantes ficam dispostas em semicírculo, cada uma com seu chefe à frente. Há um silêncio muito grande que só é quebrado pela movimentação dos fotógrafos e cinegrafistas, que não chegam a chamar a atenção dos índios nem quebrar a pompa da cerimônia.

CONVITES

O cerimonial do Kuarup começa praticamente com os convites. Apesar de todas as tribos já estarem certas de participar da festa, uma semana antes Tacumá enviou seus pariát para convidar as tribos dos kalapalo, meinapu, waurá-lauapití e matipu. Os kulkuru deixaram de ser convidados, pois vivem muito distantes e já estavam preparando um outro kuarup.

Os convites foram todos aceitos, mas não antes de se cumprir todo o ritual, que consiste no seguinte: os dois enviados — pariát — chegam à aldeia a ser convidada o amanhecer. O chefe os recebe e deixa que eles fiquem sentados durante horas no meio da aldeia, completamente calados. Depois chega até eles e pergunta qual o motivo da visita. Os pariát respondem que vieram convidar para o kuarup. O chefe da aldeia responde que não sabe se seu povo poderá participar. Alega sempre que seus lutadores já não são mais tão fortes como antigamente. Diz que eles estão muito fracos e que perderão todas as lutas. Os discursos de modéstia exagerada dura quase meia hora e os pariát permanecem mudos. Depois, o chefe diz que vai consultar o seus lutadores e volta, geralmente ao fim da tarde, para confirmar se irão ao kuarup. Só então é que se serve comida — peixe e beijos de fari-

Esta é a primeira de uma série de três reportagens a respeito dos índios do Parque Nacional do Xingu e descreve a festa do Kuarup, realizada na semana passada na aldeia dos kamaiurá. A segunda reportagem falará dos costumes tribais e a terceira dos problemas de reservas indígenas.